



O ESTUDO PRÁTICO DA ANATOMIA HUMANA NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UM EXERCÍCIO DE EMPATIA

Paula Danielle de Souza Vieira ¹
Wendell Medrado Teófilo da Silva ²
Nefertiti Alves de Sá ³

RESUMO

O estudo da anatomia é de suma importância, pois permite compreender como o corpo funciona. O presente projeto de pesquisa teve como objetivo tornar o estudo da anatomia acessível a todos os alunos, sobretudo aqueles com deficiência visual; estimular o desenvolvimento sensorial do tato; e valorizar o processo de inclusão e o desenvolvimento da empatia. Para tanto, foram construídos modelos didáticos táteis correspondentes a várias estruturas do corpo humano. A elaboração desses recursos levou em consideração critérios importantes como: significação tátil, facilidade de manuseio, resistência, durabilidade e segurança. Através do trabalho realizado foi possível constatar que a elaboração e a manipulação de modelos didáticos viabilizam o estudo prático e inclusivo da anatomia humana, pois permitem um entendimento concreto dos conteúdos abordados; bem como estimulam a criatividade e promovem uma maior interação entre os alunos, o que auxilia no processo de valorização da inclusão, e no desenvolvimento da empatia e da consideração pelo outro.

Palavras-chave: Anatomia, Modelos didáticos, Inclusão, Empatia.

INTRODUÇÃO

A Anatomia é o campo da biologia que estuda a organização estrutural dos seres vivos, incluindo os tecidos, órgãos e sistemas que os constituem. No Ensino Fundamental, esse conteúdo deve ser contemplado, segundo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na unidade temática denominada Vida e Evolução, que propõe a percepção de que o corpo humano é um todo dinâmico e articulado, e que a manutenção e o funcionamento harmonioso desse conjunto dependem da integração entre as funções específicas desempenhadas pelos diferentes sistemas que o compõem (MEC, 2017).

¹ Professora da Escola Municipal em Tempo Integral Reitor João Alfredo, Prefeitura Municipal do Recife. Bióloga e Doutora em Ciências Biológicas pela UFPE, pdani_vieira@hotmail.com;

² Biólogo e Mestre em Biologia pela UFPE, wmedrado@hotmail.com;

³ Professora do Atendimento Educacional Especializado da Escola Municipal em Tempo Integral Reitor João Alfredo, Prefeitura Municipal do Recife Pedagoga e Psicóloga, Especialista em Educação Especial, nefertitias@hotmail.com.



Embora seja de suma importância por fornecer subsídios para que os alunos conheçam as capacidades do próprio corpo (SOUZA, 2011), o estudo da anatomia humana apresenta muitos conteúdos de difícil compreensão que necessitam de um grande poder de abstração e, geralmente, da visualização de imagens e esquemas, constituindo, assim, um grande desafio tanto para alunos normovisuais como, principalmente, para os alunos que apresentam algum tipo de deficiência visual (DV), seja diminuição da visão em 40 a 60% ou cegueira total.

Em pessoas cegas, as representações mentais de imagens e conceitos estão ligadas à maneira como a informação chega até o indivíduo e se dão por meio do conjunto de sensações táteis, auditivas e olfativas aliadas às experiências mentais vividas pelo sujeito. Com isso, eles podem, a partir de sua própria matriz referencial, formar conceitos consistentes, ainda que nunca tenham experimentado diretamente seus significados. Portanto, a falta da visão não pode ser encarada como um impedimento ao desenvolvimento pleno, pois apenas impõe caminhos diferenciados, uma vez que a obtenção de conhecimentos depende de uma organização sensorial diferente da do normovisual (NUNES et al., 2008).

Levando em consideração todos os aspectos anteriormente citados, os alunos necessitam, então, contar com a utilização de métodos e materiais diferenciados que os auxiliem na promoção de uma aprendizagem significativa e verdadeiramente inclusiva. Nesse caso, os modelos didáticos poderiam ser uma importante alternativa uma vez que correspondem a sistemas figurativos e lúdicos que reproduzem a realidade de forma sistemática e concreta, tornando-a mais compreensível ao aluno (GILBERT; BOULTER, 1998).

Os modelos didáticos ou de ensino são geralmente representações de estruturas ou partes de processos biológicos, confeccionadas a partir de material concreto e possuem por finalidade a estimulação da criatividade e reflexão dos estudantes, onde estes tornam-se protagonistas, ou seja, sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem (JUSTINA; PERLA, 2006).

Neste contexto, pensando em atender às necessidades dos alunos e considerando ainda a carência de trabalhos relacionados à criação de recursos didáticos que possam ser utilizados em sala nas aulas de ciências, especificamente na área de anatomia, por alunos com deficiência visual, o presente projeto de pesquisa teve como objetivos: (i) tornar o estudo da anatomia acessível a todos os alunos por meio do desenvolvimento de modelos didáticos táteis e tridimensionais ou semiplanos que representem as estruturas do corpo humano e que possibilitem aos alunos, sobretudo aqueles com deficiência visual, uma oportunidade para o reconhecimento das estruturas do seu próprio corpo e, com isso, o maior envolvimento e compreensão dos conteúdos abordados nas aulas; (ii) estimular o desenvolvimento sensorial do



tato; e (iii) valorizar o processo de inclusão e o desenvolvimento da empatia e da consideração pelo outro.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação constitui direito humano básico e alicerce de uma sociedade mais justa e solidária. Nesse cenário, a escola tem papel fundamental, sendo o espaço no qual se deve favorecer, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências.

Escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades (MEC, 2017).

Segundo Omote (2003), a inclusão é, acima de tudo, um princípio ideológico em defesa da igualdade de direitos e do acesso às oportunidades para todos os cidadãos, independentemente dos atributos anatomofisiológicos ou somatopsicológicos, dos comportamentos e das condições psicossociais e socioeconômicas.

Essas diferenças, devem ser valorizadas como elemento enriquecedor no cotidiano escolar. Os alunos aprendem não só o que o professor ensina, intencionalmente, na sala de aula, mas, também, com tudo aquilo que são capazes de interpretar a partir da observação dos comportamentos no ambiente escolar (STAINBACK; STAINBACK, 2003; CAPELLINI; FONSECA, 2017).

Cada indivíduo tem sua forma singular de compreender o mundo. Para Fonseca (2011) apesar da aprendizagem ser um processo altamente individual, pois cada pessoa aprende de determinada forma e em determinado tempo, ela se dá de forma interativa, por meio da convivência e discussões com pessoas semelhantes em sua forma de pensar, como também em contato com pessoas totalmente diferentes no que se refere aos aspectos de vida pessoal e intelectual.

Nesse sentido, a empatia deve ser considerada uma ferramenta necessária para proporcionar ao aluno uma maior socialização e a compreensão das diferenças entre os indivíduos (PAVARINI; SOUZA, 2010).

O termo empatia foi criado pelo filósofo alemão Rudolf Lotze em 1858 e seria a tradução do termo grego *empathia* que significa paixão, estado de emoção, formada a partir de *em* (em, dentro de) + *pathos* (sofrimento, sentimento, emoção). Para Ferreira (2011) “a empatia é a capacidade de se colocar e simular a perspectiva subjetiva do outro para compreender seus sentimentos e emoções (FERREIRA, 2011).



Empatia é a “capacidade de penetrar com o pensamento e o sentimento na vida interior de outra pessoa. É vivenciar, em qualquer momento da vida, o que a outra pessoa vivencia, mesmo que normalmente em grau atenuado.” (NAVA, 2005)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (LEI nº. 9394/96) estabeleceu, entre outros princípios, a "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola" e recomendou que a educação para "educando com necessidades especiais" ocorra, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Existem diversas necessidades especiais, dentre essas a Deficiência Visual (DV), onde o portador possui desde a visão diminuída em 40 a 60% até a cegueira total (SILVA; ARRUDA, 2014). A capacidade de construção de conhecimento e aprendizado dos alunos portadores de DV é, segundo Santos e Manga (2009) e Bazon (2012), a mesma dos alunos que possuem uma visão normal, sendo assim, a educação de portadores de deficiência e de não portadores não deve ser diferenciada, ou seja, as atividades realizadas por ambos os alunos devem possuir o mesmo nível de conhecimento e dificuldade.

Contudo para que a educação possa ser realizada de forma inclusiva, a utilização de adaptações e práticas pedagógicas diferenciadas se fazem necessárias, asseguradas pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007) e pelo Decreto 7611/2011 no que se refere ao Atendimento Educacional Especializado. O sujeito com baixa visão necessita de métodos didáticos que possuam recursos ópticos e não ópticos, que lhes darão subsídio para sua aprendizagem. Esses recursos ampliam os objetos e imagens, e por consequência diminuem a fadiga e o esforço visual do aluno.

Já no caso dos alunos com cegueira, o tato deve ser bem explorado, pois ele se utiliza deste para conseguir conhecimento e informações do meio à sua volta, sendo importante a realização de adaptações de vários materiais, incluindo a utilização do sistema *Braille*, para que o aluno possa aprender a ler e escrever, além de atividades motoras e estimulação dos órgãos dos sentidos (CARVALHO; VITALINO, 2012).

Os modelos didáticos ou de ensino são modelos construídos para dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem, pois, possuem por finalidade a estimulação da criatividade e reflexão dos estudantes. Esses modelos são geralmente representações, confeccionadas, a partir de material concreto, de estruturas ou partes de processos biológicos (JUSTINA; PERLA, 2006).

São construídos tridimensionalmente e podem representar diversos objetos e conceitos, sendo confeccionados em tamanho real, maiores ou menores que seu tamanho, e por consequência estimulam a percepção tátil (GILBERT, 2004). Desde a década de 50 tem-se



registro do uso de modelos na história das Ciências. Em 1953, James Watson, Francis Crick, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin propuseram para a comunidade científica, uma representação tridimensional da estrutura da dupla hélice da molécula.

Pesquisas educacionais sobre a formação de conceitos demonstram que estudantes da educação básica apresentam dificuldades no desenvolvimento do pensamento biológico, devido falta de correlação entre o conhecimento prévio com os novos temas apresentados (PEDRANCINI et al, 2007). Deste modo, não há associação entre os novos conteúdos com os pontos de ancoragem, o que dificulta a aprendizagem significativa.

Esses modelos são, por vezes, utilizados em salas de aulas, pois auxiliam na compreensão e interpretação espacial de conteúdos abstratos, tornando-os mais palpáveis e compreensíveis (SANTOS; MANGA, 2009).

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado no período de março a dezembro de 2019, com os alunos das turmas de oitavo ano do ensino fundamental da Escola Pública Municipal em Tempo Integral Reitor João Alfredo, situada no Município de Recife, Estado de Pernambuco. E pode ser classificado, segundo Gil (2002), como uma pesquisa científica aplicada, qualitativa e experimental, tendo em vista que visa experimentar, gerar inovações, novos conhecimentos e formular novos elementos e conceitos para solucionar problemas específicos.

Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura em plataformas de dados digitais como Scielo, Google Acadêmico e Portal Capes para embasar e nortear os alunos acerca do projeto, considerando como palavras-chave/descriptores para a pesquisa: modelos didáticos; anatomia; PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais); LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação); Educação Especial.

Posteriormente, os alunos foram incentivados a pesquisar ilustrações na internet e nos livros didáticos e atlas existentes na biblioteca da escola e, conseqüentemente, idealizarem modelos didáticos concretos e táteis de órgãos correspondentes a vários sistemas corporais.

Para a seleção do material utilizado no desenvolvimento dos modelos didáticos foram levados em consideração os seguintes critérios (CERQUEIRA; FERREIRA, 2000):

- Tamanho: os recursos foram confeccionados e selecionados em tamanho adequado para atender às necessidades dos alunos. Materiais excessivamente pequenos não ressaltam



detalhes de suas partes componentes ou perdem-se com facilidade. O exagero no tamanho pode prejudicar a apreensão da totalidade (visão global);

- Significação Tátil: apresentar um relevo perceptível e, tanto quanto possível, diferentes texturas para melhor destacar as partes. Contrastes do tipo: liso/áspero, fino/espesso;
- Aceitação: não provocar rejeição ao manuseio, fato que ocorre com os que ferem ou irritam a pele, provocando reações de desagrado;
- Estimulação Visual: cores fortes e contrastantes para melhor estimular a visão funcional do aluno deficiente visual;
- Fidelidade: representação tão exata quanto possível do modelo original;
- Facilidade de Manuseio: funcionais e de manuseio fácil, proporcionando ao aluno uma prática utilização;
- Resistência: não se estragassem com facilidade, considerando o frequente manuseio pelos alunos;
- Segurança: não ofereçam perigo para os educandos.

Também foram priorizados para a confecção desses recursos, materiais recicláveis ou com baixo custo. Dessa forma, foram utilizados: E.V.A., massa de modelar, sementes, esponja multiuso, barbante, papel, plástico, fibra para enchimento, feltro, argila etc.

Em seguida, os modelos didáticos foram cuidadosamente confeccionados e dispostos em aventais, levando sempre em consideração a facilidade quanto à percepção tátil das estruturas criadas.

Por último, ocorreu o processo para validação dos modelos didáticos que foram testados durante as aulas práticas de anatomia, onde cada aluno normovisual participante do projeto teve seus olhos vendados, simulando uma pessoa com deficiência visual, e, em seguida, ocorreu a manipulação das peças anatômicas que eles próprios construíram. Dentre os alunos participantes do projeto somente um apresentava deficiência visual, caracterizada como visão monocular, que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), trata-se da capacidade da pessoa enxergar apenas por meio de um olho.

Foram realizados também encontros com deficientes visuais para que estes também participassem da experiência de manipulação dos modelos didáticos construídos, com estudo guiado pelos alunos normovisuais, de forma a atestar a viabilidade das estruturas confeccionadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os modelos artesanais táteis foram confeccionados órgãos em tamanho real de diversos sistemas corporais, como o sistema digestório, o sistema respiratório e o sistema urinário, que foram reunidos e dispostos em “aventais lúdicos”, cada avental correspondendo a um sistema do corpo humano.

Etiquetas em *Braille* (sistema de escrita tátil, em alto relevo, utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão) também foram elaboradas e colocadas em cada avental próximo à cada órgão disposto.

Ao vestir o avental, sobrepondo-o ao seu corpo, o aluno normovisual com olhos vendados e as pessoas com deficiência visual participantes do projeto puderam, por meio do tato, manipular as estruturas com base nos conhecimentos prévios teóricos e/ou empíricos e fazer uma projeção mental quanto à morfologia, delimitação e localização de cada órgão em seu próprio corpo (Figura 1).



Figura 1 - Manipulação dos modelos didáticos realizada por alunos normovisuais vendados (A, B, D, E, F) e por indivíduo deficiente visual (C). Foto: autor (2019).

Essa estimulação da percepção tátil, segundo CARVALHO e VITALINO (2012) é muito importante, principalmente para os portadores de deficiências visuais, que agregam ao tato um sentido de maior significado, já que utilizam-se dele para a compreensão do mundo em que vivem. Por isso é tão relevante o desenvolvimento de atividades como a que foi desenvolvida nesse trabalho, que possam instigar o tato, através do toque em objetos de alto



relevante, com diferentes texturas e consistências, de modo a proporcionar um entendimento mais claro sobre os conteúdos abordados.

Desse modo, a elaboração e a utilização dos modelos didáticos/aventais lúdicos mostraram-se eficazes no estudo prático da anatomia humana para normovisuais e deficientes visuais, representando um trabalho pioneiro na área da educação especial, oferecendo mais dinamismo e interatividade para as aulas e favorecendo a fixação dos conteúdos no que se refere ao reconhecimento e a localização das estruturas no próprio corpo, corroborando o estudo realizado por Della Justina et al. (2002 apud MATOS, 2009) que aponta o modelo didático como um sistema figurativo que reproduz a realidade de forma concreta, tornando-a mais compreensível, melhorando a qualidade das aulas em vários aspectos, tornando-as mais produtivas, dinâmicas e divertidas, além de estimular a criatividade dos alunos.

Com este trabalho foi possível confirmar a hipótese de que a confecção de modelos didáticos táteis viabilizam o estudo prático da anatomia humana, corroborando o estudo realizado por SANTOS e MANGA (2009) que aponta a aplicação de modelos didáticos táteis como uma estratégia que estimula a interatividade e o raciocínio dos estudantes.

Além de que a própria construção dos modelos fez com que os estudantes se tornassem sujeitos ativos na construção do conhecimento e criativos, procurando a melhor forma de representar as estruturas e processos biológicos estudados, desenvolvendo também suas habilidades artísticas.

Todos os participantes envolvidos demonstraram entusiasmo e felicidade em vivenciar essa experiência. Os alunos normovisuais ao manipularem os modelos didáticos vendados puderam exercitar a empatia. Para Ferreira “a empatia é a capacidade de se colocar e simular a perspectiva subjetiva do outro para compreender seus sentimentos e emoções (FERREIRA, 2011). A empatia seria uma ferramenta necessária para que crianças se tornem menos violentas à medida que consigam se colocar no lugar do outro e sentir como o outro sente (ou pelo menos entender como se sente) (PAVARINO; DEL PRETTE, 2005; PAVARINI e SOUZA, 2010).

Ao guiarem os colegas vendados durante o estudo prático da anatomia humana, os alunos também puderam desenvolver a paciência, a atenção e o cuidado com o outro, vivenciando, assim, o princípio básico da educação inclusiva que é “incluir o próximo”, “pertencer junto com o outro” (MAZZOTTA, 2007), o que permitiu que cada aluno atuasse como sujeito de direito e foco central de toda ação educacional, sendo respeitadas a diversidade, as necessidades e as potencialidades de cada um no acesso ao conhecimento e no desenvolvimento de competências, segundo preconiza o Ministério da Educação (2004).



A utilização de materiais recicláveis e de baixo custo encontrados no cotidiano, tornou a construção do material mais sustentável, rentável e de fácil confecção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho realizado, percebe-se que a elaboração e a manipulação de modelos didáticos possibilita o estudo prático da anatomia humana para os alunos deficientes visuais e também para os normovisuais, pois permite que, por meio do toque, ocorra um entendimento concreto, mais claro, sobre os conteúdos abordados; bem como estimula a criatividade e promove uma maior interação entre os alunos, o que auxilia no processo de valorização da inclusão, e no exercício da empatia e da consideração pelo outro.

Foi possível aferir que os objetivos iniciais propostos foram alcançados. Pretende-se, na próxima etapa da pesquisa, utilizar os modelos didáticos em atividades em outras escolas com alunos portadores de deficiência visual para que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem desses estudantes, pois a utilização de recursos alternativos, bem como a produção de material especializado deve ser amplamente estimulada e difundida na educação especial em todo o país.

Este estudo permitiu que os alunos vivenciassem uma oportunidade educativa única que estimulou a percepção tátil e auxiliou na compreensão e interpretação espacial de conteúdos abstratos.

REFERÊNCIAS

- BORGES, A. C. et al. **Reflexões sobre a inclusão, a diversidade, o currículo e a formação de professores.** Disponível em: <
<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-040.pdf>> Acesso em 10 out. 2014.
- BRASIL. Lei nº. 9.394. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 20 dez. 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais. Brasília: MEC/SEF, 2000. Brasília: **Diário Oficial**, n. 248, de 23/12/1996.
- CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho.; FONSECA, Kátia de Abreu. A escola inclusiva: seus pressupostos e movimentos. Doxa: **Rev. Bras. de Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.1, p. 107-127, jan./jun. 2017.
- CARVALHO, H.; VITALIANO, C. R. Análise Dos Saberes Necessários Para A Inclusão De Alunos Com Deficiência Visual Dispostos Na Série Saberes E Práticas Da Inclusão No Ensino



- Fundamental. **Revista de Iniciação Científica**. CESUMAR. v. 14, n. 2, p. 161-172. jul/dez 2012.
- DEGRAZIA, J. E. C.; PELLIN, J. O. F.; DEGRAZIA, Daniel F. Detecção e prevenção das deficiências visuais na infância e sua relação com a educação. **Revista da AMRIGS**, 54 (4): p 466-470, Porto Alegre, out/dez 2010.
- DELOU, C. et al. A educação inclusiva e a escola de inclusão: (in)formando para continuamente formar. **Série Monográfica Fio da Ação**, Unirio, v. 2, n. 1, p. 51-70, out. 2012.
- DRAGO, R.; RODRIGUES, P. S. Diversidade e exclusão na escola: em busca da inclusão. **Revista FACEVV**, n. 1, 2. sem. 2008.
- FONSECA, K. A. Análise de adequações curriculares no ensino fundamental: subsídios para programas de pesquisa colaborativa na formação de professores. 2011. 126f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem)** – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2011.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática SIDRA**. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 13 jun. 2015.
- INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Censo Escolar/MEC/INEP. Disponível: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em 13 jun. 2015.
- GILBERT, J.K. Models and Modelling: Routes to More Authentic Science Education. **International Journal of Science and Mathematics Education**, v. 2, n. 2, p. 115-130, 2004.
- MAZZOTTA, M. J. da S. *et al.* Relações Interpessoais Na Inclusão De Pessoas Com Deficiência: Estudo Sobre Apoio Psicológico A Pessoas Com Deficiência Visual. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.7, n.1, p.53-82, 2007.
- OLIVEIRA, Alessandra dos Santos; CARVALHO, Laura de. Deficiência Visual: Mais sensível que um olhar. **Colloquium Humanarum**, v. 3, n.2, Dez. 2005, p. 27-38.
- OMOTE, S. A formação do professor de educação especial na perspectiva da inclusão. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003. p.153-169.
- ORLANDO, T. C. *et al.* Planejamento, montagem e aplicação de modelos didáticos para abordagem de Biologia Celular e Molecular no Ensino Médio por graduandos de Ciências Biológicas. **Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular**. n. 01. fev. 2009.



PAVARINI, Gabriela e SOUZA, Débora de Hollanda . Teoria Da Mente, Empatia E Motivação Pró-Social Em Crianças Pré-Escolares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.15, n. 3, p. 613-622, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a19.pdf> . Acesso em 24/01/2012.

SANTOS, C. R.; MANGA, V. P. B. B. Deficiência Visual e Ensino de Biologia: Pressupostos Inclusivos. **Revista FACEVV**, no. 3, p. 13-22, 2009.

SILVA, Ana P. M.; ARRUDA, Aparecida L. M. M.; O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes Da Educação**. Volume 5 – nº 1, 2014.

SILVA, J. M. **A Deficiência visual e a proteção à acessibilidade de informação no ordenamento jurídico brasileiro**. Artigo extraído do TCC, como requisito parcial na obtenção do grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCS: 2011.

SILVA, N. S.; OLIVEIRA, T. C. B. C. O. Convivendo Com A Diferença: A Inclusão Escolar De Alunos Com Deficiência Visual. **Anais UEL**, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sies/pages/arquivos/009%20-%20CONVIVENDO%20COM%20A%20DIFEREN%20C3%87A.pdf>> Acesso em out de 2014.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 2003.